

O ALMADA, DE MACHADO DE ASSIS: LEITURA E CRÍTICA: O poema narrativo: épico, heróico e cômico

Prof. Dr. José Batista de Sales (UFMS)

Conceituações preliminares

É comum encontrar rápidas conceituações do poema narrativo segundo as quais tratam-se de narrativas com personagens em ação numa história contada linearmente (começo, meio e fim). Sua distinção se dá por se apresentar em versos, conter algum sentido figurado ou metafórico e quase sempre explora o humor, as histórias tradicionais e o folclore. No entanto, o poema narrativo é bem mais do que aparenta e, como parte da literatura ocidental, é o resultado de complexa tradição cultural marcada por um percurso longo e sinuoso.

Inicialmente, é possível estabelecer, como ponto de partida do percurso do poema narrativo, sob o signo da erudição, as composições da tradição clássica, os poemas homéricos, posteriormente emulados por Virgílio (1) e Camões (2) e suas respectivas obras, *Eneida* e *Os Lusíadas*. Em seguida, porém em registro popular, localizamos a tradição baladística europeia, cuja versão ibérica se reconhece nos romances medievais portugueses, galegos e castelhanos, como outra fonte relevante para compreensão do gênero. E do conjunto desses romances orais, podemos mencionar a influência do poema *A Nau Catarineta* no imaginário coletivo do poeta e do leitor da literatura de cordel brasileira.

O poema narrativo próprio da literatura clássica (Homero e Camões) caracteriza-se como manifestação literária em verso na qual se realiza a narração ficcional de fatos ou de ações antropomorfizadas, com traços dramáticos, cômicos ou sérios. É denominado poema narrativo épico quando as ações são consideradas grandiosas e fabulosas e de alcance universal; quando as ações e fatos narrados, embora grandiosos, mas de interesse apenas regional ou local, temos o poema heróico.

O poema épico e o herói cômico

O épico compõe-se de ações heróicas, realizadas por personagens ilustres, as quais possuem inegável força guerreira, são portadoras de expressivo poder (econômico, político e religioso) e, invariavelmente, virtuosas. Segundo os tratados de poética, todos

esses predicados devem ser vazados em linguagem solene e, para tanto, o verso heróico, ou hexâmetro dactílico é o mais adequado (4).

Há ainda o poema narrativo herói-cômico, de natureza satírica ou paródica, marcado sobretudo por protagonistas comuns e ações inexpressivas, porém vazado em linguagem solene, de cujo contraste resulta o humor. O poema herói-cômico caracteriza-se como imitação satírica ou paródica de matéria heróica da epopéia, ao transformá-lo em assunto banal, porém mantendo a linguagem sublime e elevada, na sátira; ou, em linguagem vulgar e chula, na parodia. Ou, dito de outro modo, o poema herói-cômico trata um sujeito e uma matéria fúteis e ligeiros com tom solene, elevado, na linguagem própria do poema épico. Deste contraste nasce o riso. Em português, as obras mais reconhecidas do gênero são *O desertor* (1771), de Manuel da Silva Alvarenga (1749 1814) (5) e *Reino da estupidez* (1774) (6), de Francisco Melo Franco (1757 1823).

O Almada

O poema de Machado de Assis (1839–1908), *O Almada* (7), publicado pela primeira vez em *Americanas*, no Rio de Janeiro, pela Editora Garnier, em 1875, é um poema herói-cômico, inacabado, distribuído em oito cantos, versos decassílabos heróicos brancos, estrofes irregulares e baseado, segundo o próprio autor, nos “clássicos” *Le Lutrín* (1674/1683) (8), de Boileau (1636-1711), e *O Hissope* (1802) (9), de Antonio Diniz (1731-1799). O poema narra a disputa, com vieses pessoais, jurídicos e políticos, entre um tabelião, Sebastião Ferreira Freire, e o prelado da cidade do Rio de Janeiro, Manuel de Souza Almada.

Quanto ao inacabado poema herói-cômico de Machado de Assis, *O Almada*, nada foi encontrado nestas obras gerais de historiografia, mas localizamos uma tese de doutorado defendida na Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, em 2006, realizada por Diego Raphael D’Azevedo Carreiro (10). O autor, apoiando-se nos conceito de carnavalização de Bakhtin, analisa o poema *Pálida Elvira* (1870) e *O Almada* (1875) com o objetivo de mostrar que Machado de Assis põe em prática “(...) a sua teoria da epopeia moderna, na qual, enviesadamente, se arma com os conceitos de paródia e apropriação” (CARREIRO, p. 11).

É claro o desnível do interesse da historiografia literária entre os poemas narrativos épicos e os satíricos ou paródicos. De qualquer modo, entre as reservas

críticas que se põem diante dos paródicos, ou mesmo a indiferença, é possível perceber, pelo menos entre os estudiosos mais bem apetrechados criticamente, o reconhecimento da contribuição desses poemas para a formação da literatura brasileira.

Em *O Almada*, o narrador conta um fato ocorrido no passado com onisciência total, embora dele não tenha participado. É especialmente irônico em relação às atitudes do herói e de todas as personagens, pois não compartilha os valores contidos nas ações representadas. O narrador expõe tal distanciamento por meio do uso de adjetivos e de comparações; de afirmações irônicas, com sentido ambíguo.

Do ponto de vista estrutural, *O Almada* é a obra que melhor se enquadra na tradição do poema herói-cômico e se põe claramente como prática emuladora. O que é afirmado por seu autor, Machado de Assis, na “Advertência” que antepôs ao poema:

No canto V atrevi-me a imitar uma das mais belas páginas da antigüidade, o episódio de Heitor e Andrômaca, na *Ilíada*. (...) Do gênero dele há principalmente duas composições célebres que me serviram de modelo, mas que não são verdadeiramente inimitáveis, o *Lutrin* e o *Hissope*. (MACHADO DE ASSIS, 1992, p.228)

O Almada contém proposição, invocação e linguagem sublime, além de expor o fito de narrar as proezas de um anti-herói, cujo caráter e pensamento são representados quase ao nível da caricatura. Entretanto, este poema contém um traço bastante renovador graças ao uso muito particular da linguagem, recorrendo sistematicamente a figuras como comparação, gradação, ampliação, antítese e ironia. Desta recorrência, resulta o distanciamento do narrador e sua atitude crítica diante das ações representadas.

Inicialmente, por um lado, notamos estas peculiaridades da linguagem nas locuções elogiosas ao herói: “*o forte Almada*”, “*grande e valoroso Almada*”, “*o grande Almada*” e, por outro, diante das ações, pensamento e caráter deste mesmo herói, os quais representam exatamente o oposto expresso naqueles qualificativos, cujo contraste é um dos aspectos marcantes do poema herói-cômico. Em seguida, há antíteses como:

Ali o alcaide-mor e o seu governo,
Entre contínuas mofas e risadas,
Dos *amáveis* ferrões *picados* eram,

ou

Que o pai, *varão* de *bolsa* e *qualidade*,
Que repousava das *fadigas longas*
Havidas no *mercado de africanos*.
Era um tipo de *sólidas virtudes*
E muita *experiência*. (...)

Este fragmento é muito importante pois revela o juízo irônico de Machado de Assis sobre a alta classe brasileira, elaborado por meio de antíteses e do aproveitamento de recursos do gênero herói-cômico. Inicialmente, o vocábulo “varão”, próprio do mundo clássico e contíguo ao código épico e guerreiro (homem digno de respeito, venerável e ilustre) é circunscrito e tensionado pelo complemento nominal “de bolsa”, indicando a origem ou pertencimento social da personagem, o comércio ou lucro, e insinuando que seus qualificativos derivam desses atributos “de qualidade”.

Os dois versos seguintes, “Que repousava das fadigas longas/ Havidas no mercado de africanos.”, representam, também pela própria construção sintática, forte tensão de natureza ética. Assim, na primeira parte, lemos “fadigas”, que nos leva ao campo semântico de trabalho árduo e estafante, intensificado, num sentido, pela ideia de sofrimento interminável (longas) e, noutro, pelo sentido segundo o qual a atividade não se realizou de forma fortuita ou casual; porém com razoável duração cronológica. Tal conjunto semântico transportaria, a princípio, a ações dignas das mais altas honrarias.

No entanto, a segunda parte, “havidas no mercado de africanos”, elimina qualquer possibilidade nobilitante graças, principalmente se nos lembrarmos que à época da publicação do poema, 1875, a treze anos da abolição da escravatura no Brasil, o tráfico negreiro era considerado abjeção humana e seu comércio atividade desprezível, degradante e ignóbil.

Os dois últimos versos sintetizam o perfil das personagens, porém a natureza antitética, senão paradoxal, dos versos se mantém. O clássico “varão” foi reduzido a “tipo” e, mais, posposto ao artigo indeterminado, “um” (pessoa pouco respeitável?). O complemento da frase, ou segunda parte do verso, estabelece acentuada antítese, pois o liga, elevando-o a “sólida virtude”. Talvez se possa falar em paradoxo, considerados os atributos éticos de quem fez fortuna (bolsa e qualidade) com o tráfico de escravos. Certamente, trata-se de um bom exemplo da fina ironia machadiana, pois tudo é relativizado com a “pragmática” conclusão “e muita experiência”.

Outra construção muito significativa é a voz irônica do narrador, ao mencionar

os atributos mentais de um sobrinho de Almada, o Lucas:

O Lucas, com quem foi ingrata e avara,
Ao dar-lhe entendimento, a natureza,

ou

Mas sendo sempre igual a madre nossa
em estômago o cérebro compensa

e por fim:

Nisto, o mísero Lucas, que não teve
Jamais o gosto de uma ideia sua,
Pela primeira vez sente brotar-lhe
Na solidão do cérebro vazio
Um alvitre (...).

Também é relevante neste poema a comparação. Se nos poemas épicos, este recurso contribui para a caracterização dos sublimes costumes e elevados pensamentos do herói virtuoso, aqui funciona como recurso para exacerbar o caráter ridículo do anti-herói e, invariavelmente, provocar o riso, como nestes versos, em que um áulico do prelado é indiretamente comparado ao cavalo de Aquiles, no épico *Odisséia*, em seu canto IX:

O salvador amigo recolhendo,
Com lágrimas de gosto assim lhe fala:
‘Oh! três e quatro vezes mais ditoso
Que o destemido Aquiles, que da boca
do divino cavalo ouvia apenas
Anunciar-lhe a sua morte próxima,
Ouço da tua o próximo triunfo!’.

Mas se a estas construções poderíamos atribuir certo grau de fineza ao exigir do leitor relativa sensibilidade ou prévio conhecimento da tradição clássica, as construções irônicas em que o narrador enfatiza todo o apego do clero à preguiça e aos prazeres gastronômicos são absolutamente diretas e imensamente numerosas, aproximando-se muito da caricatura:

Quando veio o jantar, sombrio e mudo,
Sentou-se o grande Almada, e mastigando,
(...) Os seus colegas, desejosos todos
De irem dormir a costumada sesta;/ (...)

E depois que a discreta companhia,
Por não perder o precioso tempo,
Foi comendo e falando sobre o caso,
Fazendo a língua dois ofícios juntos,

Já nas macias, preguiçosas camas
Santamente roncava o grão conclave.

(...) Bem quiseram
Aqueles atrevidos comissários
Antes do golpe manducar [comer] um pouco,
Mas o fino Alvarenga, que previa
Um estrago fatal a sua copa,

Por último, as intromissões do narrador. A invocação, a dedicatória e mesmo a proposição podem ser consideradas como momentos próprios para o narrador se expor de forma mais direta e, assim, emitir suas opiniões e sentimentos. Mas no caso deste poema, o narrador excede de maneira particular nesses momentos, conforme tentamos mostrar por meio de determinadas figuras de linguagem e, especialmente, com o que chamamos de intromissão do narrador. Nessas intromissões, percebemos a suspensão da narração para que o narrador emita sua opinião, fazendo uma ou outra indagação:

Que lance há hi, nessa comédia humana,
Em que não entrem moças? Descorada,
Como heroína de romance de hoje,
Alva, como as mais alvas deste mundo, /

(...) Recreios do bom tempo, infância d'arte,
Que o progresso apagou e nós trocamos
Por brincos mais da nossa juventude
(...) Como se hão de perder os nossos de hoje,
Nesse rio caudal que tudo leva
Impetuoso ao vasto mar dos séculos.

E amar e ser amado é, neste mundo,
a tarefa melhor da nossa espécie,
Tão cheia de outras que não valem nada.

(...) Ainda o eco
Ainda as rudes cantilenas repetia
Do trovador selvagem de outro tempo,
Que viu perdida a pátria, e viu com ela
Perdida a longa história de seus feitos
E os ritos de Tupã, perdida a raça
Que as férteis margens... Musa, onde me levas?
Filosofias vãs, quimeras, sonhos,
Flores – apenas flores, - que não valem
Tantos gozos reais dos nossos dias,(...)

Conclusão

Deste modo, parece-nos relevante destacar as peculiaridades ao nível da linguagem, relacionado-as à voz do narrador. De tal modo que o aspecto emulativo na realização da obra, numa aparente adesão ao tradicional, é questionado ao nível da linguagem e resultando na transformação de um determinado elemento estrutural, o narrador.

Neste processo, talvez seja possível antecipar o amplo projeto estético de seu autor, no contexto da historiografia literária nacional. Explorando as virtualidades da linguagem no interior da tradição das letras ocidentais, Machado não se limita ao contingente ou episódico, mas avança e explora com a fineza de sua arte o que é mais camuflado no homem, as suas limitações, sua incapacidade de notar o próprio ridículo.

Machado de Assis, ao publicar o seu *O Almada*, reforça, embora indiretamente, a preponderância circunstancial de outras publicações ao afirmar que seu trabalho inaugura o gênero no Brasil, dada a sua natureza literária: “(...) os raros escritos que com a mesma designação se conhecem são apenas sátiras de ocasião, sem nenhuma intenção literárias. As deste são exclusivamente literárias.” (Machado de Assis, 1992, p. 228. v. III).

Referências bibliográficas

- 1] Virgílio. *Eneida*. São Paulo: Abril Cultural, 1983.
- 2] CAMÕES, Luís Vaz de. *Os Lusíadas*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1988
- 3] Aristóteles. *Poética*. Tradução de Eudoro de Souza. In: *Aristóteles II*. São Paulo: Abril Cultural, 1984. Coleção OS PENSADORES, vol. VI, p. 264.
- 4] SILVA ALVARENGA, Manuel da. *O desertor*: poema herói-cômico. Campinas:

UNICAM, 2003

5] MELO FRANCO, Francisco de. *Reino da estupidez*. São Paulo: Giordano, 1995

6] MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. *O Almada*. In: Machado de Assis: *Obras completas*. Vol. III. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1992. p. 227 – 283

7] BOILEAU, Nicolas. *Le Lutrin*. São Paulo: Larousse, s/d.

8] DINIZ DA SILVA, Antonio. *O hissope*. In: RIBEIRO, João. *Satyrícos portugueses: coleção de poemas herói-comico-satyrícos*. Rio de Janeiro/Paris, H. Garnier, 1910, p. 13-108

9] CARREIRO, Diego Raphael D'Azevedo. *Entre a galhofa e a melancolia: Machado de Assis e a tradição herói-cômica*. Recife: Programa de Pós-Graduação em Letras, 2006, 205 f. (Tese de doutoramento)